

# Identidades étnicas em espaços sociolinguisticamente complexos

p. 114 - 123

Márcio Palácios de Carvalho (IFMS/MS) <sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir a identidade étnica de indivíduos que vivem na região de fronteira entre as cidades de Ponta Porã – MS e Pedro Juan Caballero PY e ainda de Bela Vista – MS com a cidade paraguaia de Bella Vista Norte – PY. Nesses espaços sociolinguisticamente complexos, as pessoas sofrem influências no linguajar local e nos costumes de ambos os países: Brasil e Paraguai. Com o tempo, não se sentem como brasileiros nem como paraguaios, mas sim como brasiguaios, em outras palavras, é como se eles dissessem não sou do Paraguai nem do Brasil, sou *Brasiguai*, sou da fronteira. Diante desse cenário, o artigo também apresenta como essa identidade híbrida foi historicamente construída nas fronteiras do MS com o Paraguai com intuito de buscar uma melhor compreensão desse termo e o que ele representa para os indivíduos fronteiriços. Na elaboração do texto buscaram-se autores que trabalham regiões de fronteira como: Chaves (1987), Pereira (1999), Sturza (2009), Dalinghaus (2009) entre outros.

**Palavras-chave:** Identidade. Fronteira. História

## ETHNIC IDENTITIES IN SPACES SOCIOLINGUISTICALLY COMPLEX

### Abstract

This article discuss the ethnic identity of people living in the border region between the cities of Ponta Porã – MS and Pedro Juan Caballero - PY and still Bela Vista - MS with the Paraguayan city of Bella Vista Norte – PY. These spaces sociolinguistically complex, people suffer influences on the local language and customs of the two countries: Brazil and Paraguay. Over time, do not feel like Brazilians or as Paraguayans, but as *brasiguaios*, in other words, it's like they say I am not of paraguay or brazil, I am Brasiguai. In this scenario, the article also shows how this hybrid identity has historically been built on the borders of MS with Paraguay in order to seek a better understanding of this term and what it stands for border individuals. In preparing the text sought to authors working border areas as: Chaves (1987), Pereira (1999), Sturza (2009), Dalinghaus (2009) among others.

**Keywords:** Identity. Border. History.

### Introdução

Este artigo pretende mostrar as identidades étnicas de pessoas que vivem nas regiões de fronteira do estado brasileiro de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, mais precisamente entre as

cidades de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero e Bela Vista com Bella Vista Norte. Há nesses espaços um entrelaçamento de culturas, criando uma identidade própria desses contextos chamados por vários autores de sociolinguisticamente complexos, pois língua(gem), sociedade e história

<sup>1</sup> Graduado em Letras habilitação Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS. Mestre em Letras pela mesma instituição de ensino, professor do quadro efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina – MS. E-mail: marcio.carvalho@ifms.edu.br

são processos que se interligam no decorrer do tempo em qualquer, porém em contextos fronteiriços esses processos tornam-se mais explícitos.

O termo *brasiguai* surge do encontro das duas nações: a brasileira e a paraguaia, ou seja, um indivíduo tem o pai paraguaio e a mãe brasileira ou vice e versa, ele transita pelas identidades brasileira e paraguaia e com o tempo vê essas identidades uma só: a *brasiguai*.

## **A delimitação das fronteiras entre Mato Grosso do Sul e o Paraguai**

A delimitação entre os Brasil e Paraguai no estado do Mato Grosso do Sul não aconteceu de forma harmoniosa como em outras regiões fronteiriças do Brasil com os países vizinhos. Em 1862, sob o comando de Francisco Solano e com recursos britânicos, o Paraguai com a intenção de ampliar seu território para manter o ritmo de desenvolvimento e sair do relativo isolamento, começou a se projetar cada vez mais para fora de suas fronteiras.

Além disso, o governo paraguaio aprofundava a rivalidade brasileiro-paraguaia pelas disputas da posse de terras de produção de erva-mate e dos mercados de consumo de suas exportações (DORATIOTO, 2010).

No dia 11 de maio 1867, houve um confronto no alto do morro da Bela Vista, um campo alto de onde era possível observar a movimentação das tropas paraguaias. Nesse confronto houve mais de 230 mortos e 3000 mil feridos. Esse episódio ficou conhecido como o combate de Nhandipá (TAUNAY, SD?).

Como resposta aos combates, uniram-se Argentina, Brasil e Uruguai para derrotar o Paraguai, após a derrota foi assinado em Buenos Aires um tratado, de conteúdo secreto, constituiu-se, assim, a Tríplice Aliança para enfrentar e vencer

o Paraguai.

Pelo tratado, terminada a guerra, o governo paraguaio deveria pagar indenização a particulares, por prejuízos causados com a invasão dos territórios brasileiro e argentino, e ressarcir as despesas aliadas com a guerra. Além disso, deveriam ser distribuídas as fortificações as margens do Rio Paraguai e proibido o levantamento de outras, como garantia de livre navegação. Ficaram estabelecidos os limites do Paraguai com o Brasil e a Argentina, favoráveis aos dois últimos (DORATIOTO, 2010).

As regiões onde, hoje, estão localizadas as cidade de Ponta Porã e Bela Vista pertenciam ao Paraguai após a guerra houve um processo de desterritorialização que ocorreu através da violência e morte de várias pessoas. Existem relatos dos moradores mais antigos de que quase todos os homens do governo paraguaio foram mortos durante o combate. Os brasileiros, por sua vez, adquiriram um sentimento de nacionalismo, devido às constantes ameaças provocadas pela guerra, rejeitando, assim, o que não pertencia ao Brasil.

Mesmo com o processo de desterritorialização vários traços da cultura paraguaia permaneceram no lado brasileiro, inclusive alguns paraguaios que preferiram permanecer em terras, agora, brasileira. Isso se reflete hoje no léxico fronteiriço. A esse respeito Souza (2009) argumenta que a cidade de Bela Vista contém infinitamente mais elementos do espanhol e do guarani falados em *Bella Vista Norte-PY* do que ao contrário. A esse respeito, autora ainda nos esclarece que:

[...] enquanto além da fronteira se mantém o espanhol e o guarani, com fidelidade, do lado de cá, a herança linguística dos paraguaios foi sendo fortemente incorporada pelos brasileiros. O verbo *sampar* (do espanhol *zampar*), cujo sentido é arremessar, atirar com força, é de uso corrente na fronteira de Bela Vista: o *belavistense sampa* uma pedra ou um

tapa. Nessa cidade não existe tempestades, mas tormentas e a sala de jantar é o comedor. É comum se ouvir expressões do tipo, a cobra picou pra ele, significando que a cobra o picou. E as expressões e gírias do dia a dia são ditas sempre em guarani, como *caruí* (no lugar de “seu” fulano) e *cunhã porã* (no lugar de moça bonita), por exemplo. (SOUZA, 2009 p.126-127).

Hoje, em tempo de paz, os espaços onde o estudo foi realizado são caracterizados por culturas que juntas forma as regiões fronteiriças do Mato Grosso do Sul. O contado entre os povos em alguns dos pontos, ao longo da linha divisória internacional, é tão forte que originou dessa integração, o termo Brasiguai, como se os moradores desses espaços dissessem: não sou do Paraguai nem do Brasil, sou Brasiguai, sou da fronteira.

No entanto, essa identidade híbrida, às vezes, entra em conflito, isso ocorre quando o indivíduo que mora em Pedro Juan Caballero ou em Bella Vista Norte, cidades localizadas no Paraguai vem ao Brasil, principalmente para estudar tenta camuflar que é paraguaio ou brasiguai, ele se identifica como brasileiro. Esse ponto será discutido com mais detalhe no decorrer deste artigo.

## **Cenário sociolinguístico das comunidades fronteiriças de MS**

O Estado de Mato Grosso do Sul está localizado na região Centro Oeste do Brasil, com uma população de 2.477 542 pessoas (IBGE, 2012) dos 79 municípios que compõem o Estado, 45 estão localizados na região de faixa de fronteira (área compreendida a 150 km do limite territorial com outro país) e 11 são considerados municípios fronteiriços. Desses municípios que fazem divisa com outros países, 10 tem seus limites territoriais com o Paraguai e 1 (um) com a Bolívia.

No presente estudo, fez-senecessário

levantar alguns trabalhos realizados por pesquisadores da área de Letras que focalizam as regiões fronteiriças do estado de Mato Grosso do Sul, com isso, pretende-se oferecer aos leitores um panorama das pesquisas já realizadas que contemple a diversidade linguística do MS.

Dentre os onze municípios que fazem divisa com países hispano-falantes, cinco merece maior atenção, devido à proximidade da fronteira e por possuírem maior número de habitantes, os municípios: Corumbá-MS, cidade localizada a 4,5 quilômetros da cidade de Puerto Quijarro-BO; Bela Vista-MS e Bella Vista Norte-PY a pouco mais de um quilômetro; mais ao Sul, encontram-se as cidades gêmeas de Ponta Porã- MS e Pedro Juan Caballero-PY; em seguida, a cidade de Aral Moreira Fronteira Seca com Capitán Bado-PY; por último, a cidade de Paranhos, localizada a poucos metros da cidade paraguaia de Ypêhú.

O contexto geográfico das cidades citadas anteriormente e os processos de povoamento do estado de Mato Grosso do Sul tornam o falar deste local muito diversificado, com isso, muitos pesquisadores veem nessa região fronteiriça um rico material linguístico a ser explorado com o intuito de melhor compreender esse espaço.

Destacam-se, a seguir, algumas dessas investigações sobre o cenário fronteiriço do MS. São pesquisas realizadas à luz de diferentes perspectivas teóricas, que englobam a situação e contato linguístico com os países hispano-falantes ou relacionadas a questões indígenas, já que há forte presença de tribos nessas localidades.

Dentre as cidades fronteiriças do Estado, as cidades de Ponta Porã - MS e Pedro Juan Caballero-PY são as que possuem um maior intercambio linguístico, nesse ambiente é possível observar o fenômeno linguístico *Yopará* onde ocorre a mescla de três idiomas: o português, o espanhol e o guarani em uma comunicação verbal. Esse fenômeno ocorre devido à forte relação

comercial entre as cidades, a maioria dos clientes que compram no Paraguai é brasileira.

Nessa relação comercial, o Paraguai torna-se mais dependente do Brasil do que ao contrário, muitos lojistas acabam preferindo funcionários paraguaios que dominem o português, dada a possibilidade de atender tanto aos clientes brasileiros como aos clientes do seu próprio país, o Paraguai. Muitos Pedrojuaninos veem na língua portuguesa uma oportunidade de ascensão financeira e profissional, com isso, alguns moradores preferem que seus filhos frequentem as escolas do lado brasileiro da fronteira.

Foi neste espaço que se desenvolveu a Dissertação de Mestrado da pesquisadora Ione Dalinghaus intitulada “ALUNOS BRASIGUAIOS EM ESCOLA DE FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI: um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS”. A pesquisa, sobre o prisma da etnografia linguística, focou o processo de avaliação de quatro alunos *brasiguaios* em uma escola na cidade que atende mais de 90% dos alunos do país vizinho. A autora constatou nesta localidade que há interferência das línguas espanhola e guarani na escrita durante o processo de alfabetização e que no decorrer dos anos essa interferência tende a diminuir.

Outra cidade do Estado que possui características peculiares é a cidade de Corumbá-MS, tanto pela localização, fronteira com a Bolívia quanto pela história de formação e o valor histórico desta cidade para este estado. Localizada a poucos metros da fronteira de Puerto Quijarro-BO, é o terceiro maior município de Mato Grosso do Sul. Nesta região destacam-se os trabalhos de Rosângela Villa da Silva. Cita-se, dentre vários trabalhos realizados pela autora, o livro “*Aspectos da pronúncia do <s> em Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística* (UFMS, 2004) e *A linguagem dos pescadores de Corumbá – MS: uma abordagem*

*sociolinguística* (UFMS, 2008), este último realizado juntamente com a pesquisadora Deusdélia Pereira de Almeida.

Pelo viés da sociolinguista, as autoras abordam a língua falada pela comunidade dos Pescadores Profissionais Artesanais da colônia de Corumbá-MS, destacando alguns aspectos fonéticos da amostra coletada na localidade, e principalmente a concordância nominal de número (ALMEIDA e SILVA 2009 p.16).

Com a descrição das variáveis linguísticas e extralinguísticas, as pesquisadoras contribuíram para o mapeamento dessa comunidade de pescadores, revelando as principais regras socialmente estabelecidas, por acordos que envolvem a história, a cultura e o modo de viver daquelas pessoas.

No município de Bela Vista, até o presente levantamento, foi encontrado apenas um trabalho de Dissertação de Mestrado da autora Arlete Saddi Chaves intitulado “Ordem VS no português da fronteira” sob a orientação de Fernando Tarallo.

Nessa pesquisa, Chaves (1987) verificou os condicionadores linguísticos que estariam favorecendo a ordem VS (Verbo e Sujeito) no português da fronteira, com a hipótese central de que a ordem VS no português da fronteira sofre interferência da ordem VS do espanhol. Baseando-se em 12 informantes, a autora constatou que no português falado na fronteira é mais corriqueira orações como: Que vem **fazer João** aqui. (VS) ao invés de oração do tipo: Que vem **João fazer** aqui. (SV). Em espanhol as orações são: ¿Qué viene a hacer Juan aquí? (VS) ¿Qué viene Juan a hacer aquí? (SV) respectivamente.

Com essa pesquisa, a autora constatou que os fatores que mais favorecem a ordem VS no português de fronteira são: O sujeito não animado, a presença do advérbio inicial, a ausência da flexão, o verbo intransitivo, a oração subordinada adverbial e o sujeito definido.

A cidade de Paranhos foi contemplada com a Dissertação de Mestrado da professora Beatriz Graciella Azevedo Motta de Oliveira, concluída em 2009, intitulada “A linguagem em Paranhos: Aspectos Sociolinguísticos”. Nessa pesquisa, a autora investigou a variação linguística presente na fala dessa comunidade, destacando os aspectos fonético-fonológicos e o semântico lexical. No plano fonético-fonológico, foram investigados cinco processos; alçamento das pretônicas médias altas [e] e [o]; vocalização do [l]; elisão; monotongação e rotacismo.

Já, no plano semântico lexical, a autora destacou a influência de outros dos Estados Sulistas: Rio grande do Sul e Paraná. Na fala local, como exemplo, a autora cita o vocábulo *guri* característico do Rio Grande do Sul e que é corriqueiramente utilizado na comunidade pesquisada, contrapondo a forma Sul-matogrossense mais usual *menino*.

Não se pode deixar de mencionar a relevância do trabalho do professor Dercir Pedro de Oliveira na organização do ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, que permitiu mapear as características da modalidade falada da língua portuguesa em Mato Grosso do Sul, o ALMS é, hoje, um suporte tanto para os profissionais da área de Letras e afins interessados no falar desse Estado como contribuiu para o reconhecimento das variações das linguísticas.

A respeito da vasta diversidade linguística Sul-mato-grossense as autoras (ALMEIDA e SILVA 2009 p.55) lembram que:

A região Sul-mato-grossense constitui-se em um laboratório linguístico vivo, visto estar marcada por um contexto favorável à pesquisa, por conta da situação pluricultural dos povos que a habitam. Tal realidade permite pensar que, na região, há, também, destacadas comunidades de fronteiras, o que comportaria pesquisas no âmbito do bilinguismo, como, Corumbá (divisa com a Bolívia); Porto Murtinho, Cel. Sapucaia, Bela Vista, Paranhos,

Sete Quedas Ponta Porã (cidades que divisam com o Paraguai); bem como outras comunidades espalhadas pelo Estado: a paraguaia (em Campo Grande); os boias-frias (nos canaviais); os pescadores (à beira dos rios, em Aquidauana, Miranda e Corumbá); os pantaneiros (Aquidauana, Miranda Corumbá); os árabes (espalhados pelo Estado); a presença de imigrantes de outros estados, como, Minas Gerais, Paraná, rio Grande do Sul, Nordeste, entre outros. Embora já existam alguns trabalhos sobre o assunto, região oferece um leque de possibilidades de estudos na área da sociolinguística, o que ampliaria a noção do falar do Estado de Mato Grosso do Sul.

Percebe-se que ainda faltam pesquisas na área, principalmente na linha da etnografia linguística que busque compreender o processo de letramento de alunos paraguaios que atravessam a fronteira diariamente para estudar do lado brasileiro. Também faltam pesquisas que investiguem como os alunos paraguaios se sentem não sendo brasileiro, mas estando aqui.

Como já foi exposto anteriormente, o paraguaio foi expulso de suas terras, e hoje muitos têm que voltar para lado brasileiro para estudar ou trabalhar. Isso faz com que alguns passem a não reconhecer a identidade paraguaia, somente a brasileira.

## As identidades étnicas em espaços fronteiriços

Por imposição da escrita e dos meios de comunicação nas regiões de fronteira do MS, tem-se uma falsa noção de que naquela região só é falado a língua português, ocorre um apagamento do Espanhol e do Guarani, por serem, exclusivamente, de tradição oral na cidade, o que as torna invisíveis.

A respeito do apagamento das línguas minoritárias faladas em regiões de contextos bi/multilinguismo, Cavalcanti (1999, p. 397) salienta que:

No Brasil, a maioria da população é vista como monolíngue essa visão é extremamente eficaz para imagem do estado ideal natural longe do “perigo” de qualquer condição temporariamente proveniente de situações de bilinguismo e multilinguismo.

Esse processo de naturalização da invisibilidade acontece nas regiões de fronteira Brasil/Paraguai, em que os alunos de região de fronteira quando vão para a escola ficam dispersos em salas de aulas que são multiculturais e são tratados com se fossem monocultura e monolíngues, e não como alunos bi/multilíngues pertencentes também a uma comunidade bi/multilíngue.

Tal processo de neutralização ficou evidente durante o trabalho de pesquisa de campo, realizado na comunidade escolar “Nossa senhora do Perpétuo Socorro”, ao perguntar ao aluno se, além do Português, ele falava outro(s) idioma(s) obteve a resposta num tom baixo e trêmulo “**no**::: só **falô** português mesmo” percebe-se claramente, alguns resquícios da língua espanhola na fala do aluno entrevistado, a primeira marca é a utilização do advérbio de negação em espanhol **no** que significa **não** em português, a segunda marca encontra e a preservação da vogal **o** nos finais das palavras *falo* e mesmo, na língua portuguesa é mais comum haver a troca do **o** pela vogal **u**, sendo realizada como: *falu* e *mesmu*, esse processo acontece tanto na fala culta como na fala popular.

Em relação a essa negação, Pereira (1999) comenta que a valorização aliada ao prestígio e a imposição da língua majoritária faz com que o falante negue a sua própria língua materna, por considerá-la inferior frente à língua majoritária dos indivíduos que possuem certo prestígio na escala social.

Esse conflito faz com que os próprios falantes que possuem uma segunda ou terceira

língua passem a rejeitá-las, pois, com as línguas minoritárias os falantes não veem acesso na vida comercial e profissional, com isso, o uso da(s) língua(s) minoritária(s) restringe aos ambientes familiares ou onde os falantes se sentem a vontade para utilizá-las.

Sabe-se que a valorização de uma determinada língua está intrinsecamente relacionada com o prestígio econômico. Quanto mais falantes de uma língua forem socioeconomicamente favorecidos, mais prestigiada ela será, as línguas menos favorecidas ficam reduzidas a determinados ambientes.

No entanto, as interferências de uma língua sobre a outra é inevitável em qualquer situação de contato linguístico, mesmo se o falante recusar em admitir que domina mais de um idioma, existirão influências linguísticas a serem notadas, seja no plano lexical, morfológico ou sintático.

As amostras coletadas na escola durante a pesquisa de campo revelaram as trocas culturais entre os dois países. Observe a transcrição de alguns trechos selecionados onde se nota a influência do espanhol no português falado:

a) INF: “apareceu u::: lobo i:::: **preguntó** pra ela” (LRM-F-12-6°)<sup>2</sup>.

b) INF: “Ê tudo... **mi** família que tá lá” (RCI-M-13-6°)

c) INF: “Aladim ajudô a princesa iscapa :::: escapa di:::: um mercador em ((enfardo)) qui perseguia qui::: **enamorô de la princesa**” (AF-M-13-6°)

d) INF: “Ê::: eu môro com minha **tía.. la en Paraguai** i::: estudo aqui **en Brasil** i::: trabalho também aqui”(AC-F-16-9°)

---

2 As siglas utilizadas correspondem ao nome do informante, o sexo, idade e o ano escolar.

e) INF “A gente faiz chipa no **barbacuá**” (ALM-M-14-9º)

f) INQ: você tem algum **apelido** Alex?

INF: Como assim **apelido**?

INQ: **apelido**...em espanhol é **apodo**

INF: Sim é::: me chamam di **coreáno**” (AG-M-11-6º)

Durante o trabalho de campo, ocorreram inúmeros casos onde se verificam a presença do espanhol e do guarani na fala dos alunos da escola, no entanto, devido à extensão de um artigo optou-se por limitar a sete exemplos. Seis trechos são aqueles transcritos há pouco e o sétimo será apresentado logo em seguida.

Nas transcrições dos trechos (a), (b) e (c) têm-se a interferência da língua espanhola no português falado pelos alunos que moram no Paraguai e vem ao Brasil todos os dias. Na frase (a) além da utilização do verbo em espanhol **preguntar** ao invés de **perguntar**. Ocorre a inversão da Ordem Verbo Sujeito, a informante começou a frase utilizando os verbos **aparecer** e **perguntar**, como já havia constatado Chaves (1987) sobre a tendência de inversão da ordem SV em Bela Vista.

No fragmento (b) o informante utilizou o pronome possessivo **mi** família do espanhol ao invés de **minha** família. Já no fragmento (c) a informante tentou dizer no fragmento “**um mercador em ((enfardo)**” que o dono do estabelecimento estava com raiva do personagem Aladim; porém, usou a expressão **enfardo** que se aproxima mais ao vocábulo **enfadarse** do espanhol, logo em seguida utilizou a língua espanhola em “**enamorado de la princesa**” para dizer que o Aladim estava **apaixonado pela princesa**.

Continuando com os fragmentos (g), (h) e (i)

têm-se diferentes situações; em (g) apresenta uma interferência na estrutura da língua portuguesa, pois quem mora, mora **no** Paraguai ou **no** Brasil. Ao dizer **en** Paraguai e **en** Brasil a informante usa a estrutura da língua espanhola na língua portuguesa. Em (g) apresenta-se um vocábulo característico daquela região fronteiriça, **barbacuá**; segundo os populares da região, esse termo significa **formo de barro** e vem da língua guarani. No fragmento (h), ocorre uma incompreensão ao perguntar se o informante possuía algum apelido o pesquisador queria saber se além do nome, o entrevistado possuía um “codinome”, ou seja, um segundo nome normalmente é dado pelos amigos e parentes como uma forma carinhosa de chamar a pessoa além do nome, o informante só foi compreender a pergunta quando o pesquisador percebeu que o informante não havia compreendido então, o pesquisador traduziu **apelido** que é **apodo** em espanhol, assim, a comunicação foi restabelecida.

Diante desses exemplos, fica constatado que, além do português, há outros idiomas, no caso o espanhol e o guarani. Contudo, mesmo morando ou sendo filhos de paraguaios em vários casos durante as entrevistas ocorreu a identidade, muitos alegaram que só falam a língua portuguesa e não conheciam outros idiomas, em algumas situações diante do desconforto dos informantes o pesquisador fazia outra pergunta sob o cotidiano, afim de não deixá-los constrangidos.

Os resultados coletados na escola de fronteira vêm ao encontro da tese de Pereira (1999), uma vez que, ao dizer que a supervalorização aliada à falta de planejamento linguístico faz com que os indivíduos neguem sua língua materna, essa negação na localidade estudada é consequência da apresentação exclusiva do português nas modalidades escrita e falada pelos profissionais envolvidos no processo de educação. As línguas espanhola e guarani são utilizadas em ambientes não monitorados, reservadas aos momentos

informais.

Segundo os próprios professores, os alunos paraguaios enfrentam grave problema, quando mudam ou terminam o ensino naquela escola e vão morar em outras regiões adentro do Paraguai. Eles têm muitas dificuldades com o espanhol escrito, já que durante a escolarização, no Brasil, tiveram contato somente com o português oral e escrito.

Diferentemente dos trechos citados anteriormente. Os fragmentos a seguir mostram uma situação em que o informante se deixou levar pela emoção do momento e recontou uma história em guarani.

g) INF: eh:: dexa vê esqueci tem muitô....eh tinha um elefente ...é::: e tinha um pe di arvorí é ela fazia todo dia o mesmo calô ((ba)) ta quente mesmo aí só tinha:::formiga assim né todo dia ele ia lá i sentava em cima da fomíga eli nun via né... aí um dia as fumiga revolveru é subi na arvorí i espera u elefante vim deita di novo aí êlis vieru o elefenti deitô lá aí elís pularu tudim aí o elefenati começô a si sacudi ai elís tava'sí balançando muito derrubô metade das fôrmiga dele aí ficô um poco espidurado no pescoço deli aí us otros gritaru enforca eli enforca eli ((risos)).

h) INQ: Você consegue contar uma história em espanhol I outra em guarani?

i) INF: Em espanhol naum. Guarani eu consigo, mas eu tenhu vergonha

j) INQ: Mas podi contar so ta eu e você aqui?

k) INF:ta bom é assim Oĩ peteĩ elefante ha la tahýi kuéra, há peteĩ vyvyrá mata, hakú terú upépe. Há la elefante cada día ohó oñenó lá ureyrá mata guy pe. Peteĩ dia'pe ohó já tahýi kuéra oyupí la ureyra mata pe, há la elefante oho'ove oñenó oyupipaité

ese la tahýi kuéra ha la elefante oyetyvyró ha omombápité la tahýi kuéra'pe ha oputá peteĩ la iyayuérare, heí chupe la otro kuéra, jeyuvy chupe! jeyuvy chupe!

No começo da entrevista houve certa resistência por parte do informante. Essa barreira só foi quebrada por que o pesquisador estabeleceu uma amizade no decorrer do trabalho de campo e isso ajudou na aproximação. Assim, aos poucos, o informante se sentiu à vontade para utilizar uma língua que normalmente só a utiliza no seu país ou quando está com seus amigos mais próximos.

Em geral, os alunos que frequentam a escola pesquisada não se sentem à vontade para conversar com pessoas que não pertencem àquela localidade fronteiriça, durante as aulas predominam exclusivamente a língua portuguesa, no entanto, o espanhol e o guarani são línguas faladas nos momentos de intervalos e de descontração.

E por fim, muitos brasileiros não gostam de serem confundidos como paraguaios, porque pressupõe que são superiores. Porém, esquecem que o espaço onde se localizam as cidades já pertenceram ao Paraguai, então eles não estão invadindo o espaço do brasileiro, mas sim reivindicando o que de fato já foi deles.

## Conclusão

O artigo mostrou que, nas cidades de Ponta Porã e Bela Vista, ambas localizadas no estado do Mato Grosso do Sul, há conflitos de identidades brasileira, paraguaia e brasiguiaia não, pois alguns indivíduos camuflam a sua nacionalidade.

Isso acontece, principalmente com paraguaios que vem ao Brasil, historicamente são considerados derrotados e vem o Brasil como um país soberano, onde existem melhores condições de acender financeiramente. Por isso, a negação



da etnicidade paraguaia acontece mais com eles.

Os que são considerados brasiguaios também sofrem com a indefinição desse termo, já que entre os pesquisadores não há consenso, pois a hibridização pressupõe que uma identidade está no patamar da outra.

Apesar de haver três línguas que praticamente dividem o mesmo espaço. Cada uma tem o seu momento certo de ser usado, assim o português é considerada a língua majoritária e é usada durante as aulas, enquanto as línguas espanhola e guarani ficam restringidas para os momentos de intervalos, quando os alunos não estão sendo observados. Normalmente quando tem de falar com uma pessoa desconhecida em espanhol ou guarani, os alunos se sentem inseguros e acabam respondendo em português ao invés de responder em suas próprias línguas maternas.

Como em várias escolas públicas do Brasil, essa também possui seus problemas, no entanto aqui as feridas se tornam mais visíveis por que não há na instituição pesquisada a elaboração de um planejamento que contemple a diversidade linguística, os alunos são multilíngues, na oralidade, mas, na língua escrita, só dominam o português. Isso compromete o futuro deles já que quando retornam para o Paraguai apresentam bastante dificuldade no espanhol escrito.

Além disso, a apresentação e a valorização de apenas uma língua num espaço multicultural reforça a ideia de que há somente uma língua tem legitimidade para ser utilizada, assim os estabelecimentos de ensino em locais fronteiriços perdem a chance de dar uma contribuição mais sólida para a formação do indivíduo.

Ao omitir o conhecimento e o estudo das línguas que são faladas nas regiões de fronteiras, o ensino cria condições para que haja aumento do desinteresse pelo aprendizado, é uma realidade que se apresenta de muito distante do cotidiano dos alunos que moram e vivem nesses ambientes.

O que gera uma insegurança linguística, já que a variedade que ele utiliza está longe de ser a variedade que a escola quer que ele domine. Ao mesmo tempo, numa forma de tentar obter a língua prestigiada pela escola, muitos alunos que moram no Paraguai passam a rejeitar o espanhol e o guarani.

E esses conflitos tornam-se explícitos na escola que atendem tanto alunos brasileiros como paraguaios. Portanto, é necessário pensar em ações pedagógicas que de fato reconheçam e legitimem as duas identidades, assim o indivíduo passará a reconhecer a(s) sua(s) identidade(s) e não mais reconhecer uma e rejeitar outra.

Enfim, as diferentes situações de uso e de funcionamento das línguas de fronteiras apresentadas não tiveram a pretensão de solucionar todos os problemas relacionados a regiões de contato linguístico, sob o regime do olhar dos pesquisadores nomeados, bem como dos citados e dos exemplos explicitados aqui pretende indicar possíveis caminhos que amenizem esses problemas e um deles é estudar as demais línguas que são faladas na instituição.

## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Deusdélia Pereira de; SILVA, Rosângela Villa da. **A linguagem dos pescadores de Corumbá-MS: uma abordagem sociolinguística.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

CAVALCANTI, M.C. **Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em minorias linguísticas do Brasil.** DELTA, Vol.15, 1999 p. 384-417.

CHAVES, Arlete Saddi. **A ordem VS no português da fronteira.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

São Paulo, 1987.

DALINGHAUS, Ione Vier. **Alunos Brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguai:** um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS, (Dissertação de Mestrado em Letras) UNIOESTE, Cascavel, 2009.

DORATTOTO, Francisco, **A guerra do Paraguai 2ª visão.** Pinheiros-SP: Brasiliense, 2010.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia Estatística**, 2012 <http://www.ibge.gov.br/cidades> acesso em 16.10.2014.

PEREIRA, Maria Ceres. **Naquela comunidade rural, os alunos falam “Alemão” e “ Brasileiro” na escola as crianças aprendem o português.** Um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada. (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada) Unicamp, Campinas, 1999.

SOUZA Ana Aparecida Arguelho de. **O balaio de bugre:** História, memória e linguagem. UNESP – FCLAs – CEDAP, v5, n.2 p123-141- dez. 2009.

STURZA, Eliane Rosa. **Línguas de fronteira e política de línguas:** uma história das ideias linguísticas. (Tese de Doutorado) Unicamp, Campinas, 2006.

**Artigo enviado em:** 28/02/2015

**Aceite em:** 26/05/2015